

Caribe

OLIVEIRA, A. R. DE — OS ÍNDIOS JURUNA E SUA CULTURA NOS DIAS ATUAIS

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 35 17, MAIO, 1968

OS ÍNDIOS JURUNA E SUA CULTURA NOS DIAS ATUAIS

ADÉLIA ENGRÁCIA DE OLIVEIRA (*)

Dentre os índios do Alto Xingu, os Jurúna, que habitam na área do Pôsto Diauarum, constituem um grupo ainda pouco conhecido.

A região onde eles estão localizados, situa-se aproximadamente, a 10° 55' de latitude sul e 53° 20' de longitude oeste.

Quando Galvão (1952:469) esteve entre eles, em 1950, achavam-se agrupados em uma única aldeia, situada pouco abaixo da foz do rio Manitsauá, na margem esquerda do rio Xingu, o mesmo não ocorrendo por ocasião da visita de Simões (1963a:23), em 1963, que os encontrou reunidos em duas aldeias: — a dos líderes Jurúna — Daá e Bibina. Esta cisão no grupo parece ter ocorrido por causa de um desentendimento interno, discórdia entre famílias, em 1961. Bibina continuou na sua antiga localização enquanto que Daá e seus seguidores dirigiram-se para um local acima do Manitsauá, na margem direita do Xingu. Quando a pesquisadora esteve com eles, em 1966, perdurava ainda esta divisão mas já se podia sentir que Daá estava perdendo a liderança de seu grupo e se encontrava como trabalhador do Pôsto Diauarum, lá residindo. Em 1967 pôde-se observar o retôrno, à aldeia Bibina, das famílias que compunham a aldeia de Daá, com exceção de uma que lá permaneceu, misturando-se a um grupo Kayabí que escolheu aquele local para

(*) — Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, junto à cadeira de Antropologia, do Dep. de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro — São Paulo.

fazer roça. Essa família que aí continuou a morar, constituiu-se de um velho, sua filha, seu genro que é Kayabí, seu neto e sua esposa, filha de seu genro com outra Jurúna já falecida. O velho e a mulher, uma menina com cerca de 11 anos de idade, passaram, durante o tempo quase todo em que a pesquisadora lá esteve, na aldeia de Bibina, o que é indicativo de uma provável mudança. A cisão do grupo não parece ter implicado numa quebra de coesão interna mas resultou, todavia, em desequilíbrio demográfico para o funcionamento de algumas cerimônias e em falhas no preenchimento de determinadas funções.

Estes mesmos Jurúna, que perfazem um total de 58 indivíduos dentro do grupo, além de mais dois outros homens, casados com mulheres Suyá e mais um outro, em tratamento fora do P.N.X., encontram-se em aparente processo de crescimento, sendo elevado o número de crianças, na aldeia. Há ainda a acrescentar, que dentro do grupo, vivem dois Kayabí, casados com mulheres Jurúna, estando um deles, ao que parece, perfeitamente integrado no seu *modus vivendi*, podendo mesmo culturalmente ser considerado Jurúna.

As razões para o aumento demográfico de um grupo que, conforme pode-se constatar na bibliografia pertinente, encontrava-se em declínio (1) até o contato com os irmãos Vilas Boas,

- (1) — Adalbert (1849 : 317), que esteve com os Jurúna em dezembro de 1842, conferiu-lhes uma população de cerca de 2000 indivíduos, baseando-se em informação de seu acompanhante, Pe. Torquato. Em 1859, numa tentativa de aldeá-los em missões pelo Governo da Província do Pará (Nimwendaju, 1948 : 218), eles foram calculados em 235 pessoas. Brusque (1863 : 16), em 1863 afirmou que os Jurúna constituíam um total de 250 indivíduos. Steinen em 1884, visitando a região do baixo e médio Xingu, atribuiu-lhes um total de 230 (Steinen, 1942 : 280, 298, 301, 306, 309, 311-313) ou 205 (Steinen, 1942 : 418) pessoas. Coudreau (1897 : 33), em 1896, encontrou 150 pessoas deste grupo, na região do médio Xingu. Em 1928, quando foram encontrados pela Expedição Dyott (Nimwendaju, 1948 : 219), eles perfaziam um total de 30 índios. Em 1949, os irmãos Vilas-Boas localizaram cerca de 45 indivíduos (Simões, 1963a : 22). Galvão (1952 : 469) em 1950, conferiu-lhes uma população de 37 indivíduos. Simões (1963a : 23) que os visitou em 1963 registrou um total de 46 indivíduos e, a A. que com eles esteve em 1966, anotou 59 pessoas. Já em 1967 haviam nascido mais três crianças, morrido uma e duas mulheres estavam para dar à luz. (Neste total se incluem todos os indivíduos que são considerados Jurúna pelo grupo, vivam ou não nos limites da aldeia em questão).

em 1948-9 (Chateaubriand, 1954 : 54 e 80), parecem achar-se nas condições mantidas pelo P.N.X. e, especificamente, nas do Pôsto Diauarum. Este tem possibilitado e incentivado esse aumento populacional através de : — 1.º) manutenção artificial de uma situação de contato intermitente (2), assegurando aos índios “um ritmo mais lento de mudanças que não ameace sua sobrevivência...” (Ribeiro, 1957 : 14). — 2.º) cessamento das incursões hostis, causadoras de mortes, que se verificavam entre os Jurúna e os Kamayurá, entre os Jurúna e os Suyá, entre os Jurúna e os Trumái e entre os Jurúna e os Txukahamãe, com a pacificação destes grupos. — 3.º) assistência médica dada pelo Pôsto, podendo-se, agora, controlar moléstias que lhes eram fatais (cf. Galvão & Simões, 1966 : 46). 4.º) impedimento da ação recrutadora dos seringueiros, os quais foram responsáveis pelo extermínio de muitos Jurúna. Sobre este fato há um depoimento de Nimuendaju no qual ele relata um massacre destes índios, ocorrido em 1915 :

Este Constantino Viana merece algumas palavras : contando hoje uns 60 e tantos anos, é, há 30 anos, o último morador no Alto Xingu. Durante esse tempo, por diversas vezes, teve contato com índios, em consequência do que ele próprio se convenceu do seu papel de “amansador dos bichos”. Pode-se dizer mesmo que tem prazer neste mister. As suas primeiras vítimas foram aqueles míseros restos dos Yuruna, dantes tão numerosos, que tinham fugido até acima da Cachoeira de Martins. Constantino mandou buscá-los por um mateiro, tripulou logo uma embarcação grande com 15 canoeiros Yuruna e desceu a Altamira, onde 13 deles morreram miseravelmente : eu mesmo assisti esta tragédia em 1915. Quando os que haviam ficado no barracão souberam o que acontecera, o seu velho chefe Máma fugiu com o resto rio acima, levando uma canoa de Constantino. Este perseguiu os fugitivos, alcançou-os e massacrrou-os. Debaxo das gargalhadas dos seus cabras ele mesmo me contou esta façanha. (1952 : 432)

--- 5.º) a posse de terras asseguradas com a criação do P.N.X., pelo Decreto n.º 50.455, de 14/4/61 e regulamentado pelo de n.º 51.084 de 31/7/61 (Simões, 1963a : 6). Este asseguramento do território tribal, livrando-os de uma série de compulsões, parece ser um elemento fundamental no desejo de um incremento populacional, por parte dos Jurúna.

(2) — Para uma definição do contato intermitente, cf. Ribeiro, 1957 : 11-12.

Quando se pensou em estudar os Jurúna, a idéia inicial era a de fazer uma análise das relações intertribais na área do Alto Xingu (3), tomando-os como um foco. Sabia-se já, que os Jurúna do Diauarum vinham a ser os remanescentes de um grupo tribal que em 1916, depois de estarem subordinados a um seringueiro de nome Constantino, sediado na Pedra Sêca, foram refugiar-se no Alto Xingu (Galvão, 1952 : 471) onde começaram a adquirir u'a maior estabilização ao retôrno à vida tribal (4). Sabia-se, também, que apesar dêste retôrno, os Jurúna, no contato anterior com elementos da sociedade alienígena, já haviam adquirido necessidades tais como o uso de vasilhames de ferro ou alumínio, o uso de um instrumental agrícola muito superior ao tradicional indígena, o uso de armas de fogo, de munição, de roupas, de sal e de outros produtos, que só poderiam ser supridas por aquela sociedade. Sabia-se, ainda, que os Jurúna haviam sofrido compulsões ecológicas, bióticas, culturais e econômicas que os diferenciava dos demais índios xinguanos. De posse destas informações desejava-se ver até que ponto havia um ajustamento dêste grupo tribal em relação aos outros componentes da área. Estes, por sua vez, apresentam uma grande uniformidade cultural, devida ao isolamento geográfico, ao casamento e ao comércio intertribal, à proximidade dos grupos e às festas religiosas em âmbito intertribal; dessa homogeneidade os Jurúna não participam, pois são marginais à área e constituem um grupo intrusivo recente (Galvão, 1960 : 16; Simões, 1963b : 78). Desejava-se ver, portanto, as resultantes, para a cultura Jurúna,

(3) — Veja-se a propósito de área do Alto Xingu, Galvão, 1960 : 16 e 28.

(4) — Os Jurúna aparecem na classificação de Ribeiro (1957 : 9 e 15) como apresentando contato intermitente em 1900 e contato permanente em 1957. Todavia, fazendo-se uma inversão nas etapas comuns ao processo de integração das populações indígenas acredita-se que em 1900, quando trabalhavam em seringais, os Jurúna mantinham contatos permanentes com os elementos alienígenas ao seu grupo e que, após fugirem desta situação e, mais tarde, entrarem em contato com os Vilas, passaram a fazer parte da "condição de contacto intermitente mantida artificialmente" (Ribeiro, 1957 : 14) por eles. Houve, assim, uma regressão, desejada pelos Jurúna e que tem sido essencial no incremento populacional que entre eles se está verificando.

do ajustamento que deveria estar-se verificando entre este grupo tribal e os demais, formadores da área.

Todavia, após pesquisas de campo (5) realizadas primeiramente no mês de julho de 1965, entre os Kamayurá, grupo tribal que há pouco tempo atrás hostilizara e fôra hostilizado pelos Jurúna e, em seguida, nos meses de julho e agosto de 1966 e nos meses de junho e julho de 1967, entre os próprios Jurúna, chegou-se à seguinte conclusão: — face à precariedade dos dados existentes sobre os elementos componentes deste grupo tribal e face, também, às mudanças que vêm ocorrendo em sua cultura, mudanças estas ocasionadas pelo contato de há longo tempo com elementos da sociedade nacional e de outros grupos, seria interessante estudá-los, fazendo-se uma amostra de sua cultura tal como se encontra no momento atual e, quando possível, no passado. Nestas condições, o estudo de relações inter e extra tribais estaria presente, visto que a cultura Jurúna reflete estas relações, sobre as quais há escassas notícias, desde o século XVII.

O processamento metodológico para se chegar aos resultados desejados obedeceu à seguinte forma: — fêz-se um levantamento de toda a bibliografia existente e realizaram-se três estudos em campo, conforme já se explanou. Do levantamento bibliográfico e das informações obtidas com indivíduos Kamayurá, Trumái e Jurúna (estes principalmente) pôde-se organizar tentativa e hipoteticamente uma reconstrução da rota migratória dos mesmos, o que permitiu o conhecimento dos elementos tribais e extratribais com os quais eles entraram em contato. Nimuendaju (1948: 218-219), Galvão (1952: 469-473) e Simões (1963b: 78-80), já haviam feito uma síntese destes históricos, que abrangem, no primeiro, até o início deste século e, nos dois últimos, até o contato com os irmãos Vilas Boas. Com as pesquisas de campo efetuadas, pôde-se acrescentar alguns outros elementos indica-

(5) — Este trabalho tem sido possível graças ao auxílio financeiro que a pesquisadora vem recebendo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e às facilidades que lhe têm sido concedidas pelos administradores do P.N.X., srs. Orlando e Cláudio Vilas Boas. Aproveita-se a oportunidade para agradecer-se aos dirigentes de uma e de outra instituição, sem a ajuda dos quais nada teria sido feito.

tivos das relações hostís ou pacíficas dos Jurúna com grupos localizados na área do Alto Xingu.

Conforme os relatos de Betendorf (1910 : 115-7, 237, 238, 275, 489, 490, 629) — Adalbert (1849 : 247-314) — Leite (1943 : 353-6) — Daniel (1841 : 172) — Coudreau (1897 : 49) — Nimuendaju (1948 : 218-9) — Galvão (1952 : 469-73) e Simões (1963b : 78-80), os Jurúna, a partir do século XVII, iniciaram sua retirada da foz do Xingu, sempre para cima, até se localizarem na região do Alto Xingu. Vieram fugindo de missionários, de participantes de tropas de resgate, de seringueiros e de índios Kayapó. Chegaram no local mencionado no início deste século e, até o contato com os irmãos Vilas Boas, tiveram que novamente lutar para sobreviver, pois, aí, ao invés dos antigos opressores, se defrontaram com grupos tribais, seus vizinhos, que os hostilizavam e eram por eles hostilizados, também. Neste caminhar, sofrendo toda uma série de compulsões, os Jurúna tiveram uma drástica redução numérica, conforme se pode verificar na nota (1). Galvão acredita ser possível :

...que o decréscimo de população não seja devido unicamente ao extermínio pelas armas e doenças, mas reflita a integração de índios aos povoados e seringais, ou seja, o abandono da vida tribal e assimilação de indivíduos e famílias à população cabocla tal como aconteceu em muitas regiões da Amazônia... Ao se intensificar o contato entre Juruna e Brasileiros, parte dos primeiros terá se mesclado e incorporado à população rural. Alguns grupos resistiram a esse processo, o que Coudreau observa quando menciona os rumores que corriam ao tempo de sua viagem, de "carajasadas" — grupos de Juruna que abandonavam os patrões a que estavam ligados e reuniam-se a Juruna "vagabundos" para atacar povoados ou retirar-se para regiões mais distantes. (1952 : 471)

Participa-se da idéia deste autor, pois, os informantes Jurúna eram unânimes ao afirmar que quando eles fugiram dos seringais "lá embaixo, na Pedra Sêca", muitos Jurúna ficaram e lá se encontram (descendentes provavelmente), "se a doença não acabou com todos eles".

Contam os informantes, que os Jurúna quando se achavam localizados nas proximidades de Pedra Sêca (isso deve ter ocorrido por volta de 1910) foram, de certa feita, convidados pelos

Suyá, que habitavam o Diauarum e com quem tinham relações amistosas, para se aliarem numa incursão contra os Kamayurá. Estes habitavam a lagoa Ipavu próxima ao rio Culiseu. O ataque se deu, tendo os Jurúna conseguido raptar um menino e algumas mulheres. Todavia, estas lhes foram roubadas pelos próprios Suyá, quando regressavam, tendo os Jurúna apenas tempo de fugir, levando somente o garoto e uma mulher. Parece que a finalidade expressa desta incursão foi o rapto de mulheres para fins de casamento, pois, sendo um grupo reduzido e naturalmente muito aparentado, levando-se em conta as proibições decorrentes da organização social destes índios, havia a necessidade de obtê-las fora.

Durante um certo tempo, os Jurúna e os Suyá hostilizaram-se em incursões punitivas, dando como consequência o deslocamento dos Suyá para um local que os informantes chamam de Uavi e que fica no Xingu, acima do Diauarum. Com a distância aumentada, os Jurúna arrefeceram as represálias, o que fez com que os Suyá voltassem à antiga localização. Todavia, alguns Jurúna, tendo fugido dos seringueiros, lá na Pedra Sêca, vieram estabelecer-se nas proximidades da cachoeira von Martius, permanecendo algum tempo entre este local e o Porori (atual localização dos Txukahamãe). Com a maior proximidade, temendo novos ataques, os Suyá subiram o Xingu novamente, para perto do Uavi. Nesta ocasião, também, um grupo destes Jurúna caiu novamente sob o domínio de Constantino Viana, enquanto outros que haviam conseguido resistir, permaneciam no Porori. Estes subiram o Xingu e conseguiram entrar em contato com os Kamayurá e os Trumái, sendo que as relações entre eles foram amistosas, segundo os informantes. Quando regressaram, vieram acompanhados de 4 Kamayurá e 2 Trumái, que iam em visita à sua aldeia. Quando por volta de 1916, os Jurúna que tinham seguido com Constantino, conseguiram dê-lo fugir, foram encontrar-se com seus parentes no Porori e lá acharam índios Kamayurá e Trumái.

Outras visitas foram realizadas pelos Jurúna aos citados grupos xinguanos, sendo que numa dessas, eles também entra-

ram em contato com os Waurá, que tinham sua aldeia próxima ao Morená (confluência dos formadores do Xingu). Em seu regresso também levaram dois dêles, para uma visita. Logo depois, quatro Kamayurá dirigiram-se para a aldeia Jurúna, lá permanecendo um tempo suficiente para aprenderem a língua Jurúna.

Nessa época, fugindo de ataques de índios Txukahamãe, os Jurúna e seus visitantes Kamayurá, Trumái e Waurá, deslocaram-se para um local um pouco abaixo da atual aldeia, próxima à foz do Manitsauá. Quando os Trumái se foram, os Kamayurá fizeram intrigas daqueles índios para os Jurúna. Diziam eles, que os Trumái eram "feiticeiros" e queriam matá-los. Isto foi o bastante para fazer com que os Jurúna, acompanhados de seus visitantes Waurá e Kamayurá, se dirigissem à aldeia Trumái que ficava localizada um pouco acima do Morená, em Anariá. O ataque se deu de madrugada, tendo sido mortos pelos Jurúna, dois Trumái, um dêles o chefe do grupo e dois Kamayurá que por lá se encontravam, fato este desconhecido dos assaltantes. Segundo os informantes, os Kamayurá foram mortos porque estava escuro e eles não podiam ver quem estavam matando. Além das mortes causadas, roubaram dois rapazinhos e três mulheres, uma delas com um filho-de-colo.

Quando eles voltaram para a aldeia, os Kamayurá desejando vingar seus parentes mortos na aldeia Trumái, idealizaram um ardil a fim de atrair os Jurúna a um local onde pudessem matá-los. Convidaram-nos para ir visitar os *Makairí* (Bakairí, provavelmente), onde haveriam de ganhar muitos presentes do chefe dêles, que era caraíba. Foram alguns Jurúna, subiram o Xingu e acamparam no ribeirão Tuatuari, onde os Kamayurá disseram a eles que os esperassem aí, pois, iriam à aldeia do Ipavu, buscar comida para a viagem aos *Makairí*. Quando regressaram, vieram com eles mais alguns índios de seu grupo, entre os quais alguns meninos. Estes pediram ao Jurúna que os deixassem ver as carabinas que eles traziam consigo. Ao tê-las nas mãos, correram para fora do acampamento e as entregaram aos outros Kamayurá. Feito isto, os Jurúna foram agar-

rados por alguns, enquanto que os outros lhes desferiam golpes mortais na nuca.

Os Jurúna que haviam ficado na aldeia, estranhando a demora dos outros, resolveram averiguar o que ocorria. Foram até o Ipavu, tendo os índios aí lhes dito que os seus parentes ainda estavam nos *Makairi*. Regressaram à aldeia levando com eles um adolescente Kamayurá. Como a demora ainda continuasse, mais oito Jurúna dirigiram-se para a aldeia do Ipavu, onde uma emboscada também os esperava. Assim que aí chegaram, os Kamayurá fingindo querer aprender a fazer flechas do tipo Jurúna, pediram-lhes que fabricassem algumas e foram chegando perto, com a desculpa de verem melhor. Os Jurúna foram então agarrados por alguns Kamayurá, tiveram suas carabinas subtraídas e foram mortos da mesma forma que seus parentes (6).

Os Jurúna restantes, quando souberam, através de uma índia Kamayurá, tudo o que se passara, não revidaram de imediato.

Durante este tempo, o chefe dos Jurúna resolveu fazer uma visita amistosa aos Suyá, que ainda estavam no Uavi. Quando regressou trazia três deles consigo. Como os Jurúna desejassem ir buscar taquari para fazer flecha numa cachoeira próxima ao Uavi, foram convidados por seus visitantes para, em primeiro lugar, irem à aldeia Suyá buscar comida. Aceitaram o oferecimento, seguindo todos os Jurúna, sem exceção. Chegados no local a que se destinavam, armaram o acampamento do outro lado do rio, em frente à aldeia dos Suyá. Estes, convidaram os Jurúna para tomarem mingau de mandioca ralada. Foram todos os homens adultos, com exceção de um velho que ficou no acampamento com as mulheres e crianças. Quando para lá se dirigiram, foram assaltados de surpresa pelos Suyá que mataram os três homens Jurúna mais velhos, ficando os outros que ainda

(6) — Estes fatos foram relatados à A. não só por informantes Jurúna, como também por um Kamayurá já velho, chamado Maricá, e que tomou parte ativa no episódio. Todavia, em Ms. do sr. Cláudio V. Boas, pôde a mesma ler tal narrativa em ordem cronológica inversa.

Galvão (1952 : 472) dá ligeira nota a respeito de uma destas duas emboscadas.

eram moços, para serem mortos mais tarde, segundo os informantes. As mulheres e crianças foram levadas à aldeia e os casais foram separados. O chefe dos Jurúna, tendo conseguido fugir dos atacantes foi pedir auxílio ao seringalista Constantino Viana que os supriu de armas e munições e mandou alguns de seus ajudantes acompanhá-los, compondo uma frota de 4 canoas (7). Entrementes, mais 4 Jurúna já haviam conseguido fugir da aldeia Suyá, sendo que 2 dêles foram mortos pelos seringueiros que os julgaram Suyá e os outros dois aliaram-se ao grupo de represália. Chegados ao lugar desejado, os seringueiros com os Jurúna fizeram um verdadeiro massacre. Muitos Suyá foram mortos, sendo várias casas incendiadas. Conseguiram reaver apenas alguns Jurúna.

O grupo livre dos Jurúna seguiu para os seringais de Constantino onde permaneceu pouco tempo. Conseguindo fugir foram localizar-se ainda no Xingu. Munidos de armas de fogo, êles perpetraram mais 4 ataques aos Suyá, reavendo mais pessoas e matando alguns de seus inimigos. Segundo os informantes, por esta ocasião, receando novos ataques dos Jurúna, os Suyá levaram o restante de seus prisioneiros para a aldeia Kamayurá (8). Êstes fatos devem ter-se passado no período anterior a 1940.

Neste meio tempo, morre um Jurúna na aldeia Kamayurá e, os demais, suspeitando de "feiticaria", tentaram a fuga. Alguns conseguem, mas lá permaneceram ainda três homens Jurúna, sendo que um dêles era filho do chefe. Êste, após a chegada dos fugitivos, resolveu resgatar o seu filho, o que acabou conseguindo, lá pelos lados do Morená. O resgate foi efetuado mas, como pagamento os Kamayurá receberam muitos tiros e flechas. Ficaram, ainda, portanto, na aldeia do Ipavu, dois Jurúna que só puderam voltar para o meio de seus parentes, quando êstes entraram em contato com os Vilas Boas. Êles

(7) — A versão dêste episódio, dada por Nimuendaju (1952 : 433) difere da que foi narrada acima. Segundo aquele estudioso, os Jurúna foram à aldeia Suyá com o fito de roubar crianças.

(8) — Segundo Galvão (1952 : 472) a aldeia dos Suyá teria sido "atacada e saqueada pelos Kamayurá".

foram levados à aldeia Jurúna pelos irmãos Vilas. Os Jurúna, todavia, receberam-nos com desconfiança e, êles que na outra aldeia ocupavam posição de destaque, a fim de compensarem tal situação começaram a fazer intrigas sôbre os Kamayurá. Êstes, sabedores das mesmas, ameaçaram matá-los. Tal não se deu, entretanto, porque os próprios Jurúna assim o fizeram. Dizem os informantes, que êles foram mortos porque "sabiam feitiço que Kamayurá tinha ensinado. Botaram feitiço na casa e tudo ficou doente". (Cf. Lima, 1949 : 24; Galvão, 1952 : 472-3 e Galvão, 1953 : 37 nota 64).

Logo após o resgate do filho do chefe, com os Kamayurá, os Jurúna resolveram seguir os Suyá que freqüentemente estavam a espioná-los e foram encontrá-los no Diauarum, onde haviam ido pegar piqui. Entre êles achava-se uma filha dêste mesmo chefe que, também, conseguiu reavê-la, havendo matado o seu portador. Tendo os Suyá fugido, os Jurúna voltaram e, durante um certo tempo, viveram errantes entre o Porori e a cachoeira, fugindo aos ataques dos índios Txukahamãe. Êstes conseguiram roubar alguns elementos daquêle grupo e mataram o chefe dos mesmos, lá na cachoeira.

Morto seu chefe, os Jurúna, que viviam errantes nessa ocasião, dirigiram-se ao Diauarum para apanhar piqui, pois, estavam sem comida. Foram, aí, atacados pelos Suyá que, nessa ocasião, moravam acima do Uavi. Houve mortos e em seguida, os Jurúna continuaram vagando pelo rio Xingu até que fizeram uma aldeia num local próximo à atual e estavam acampados numa praia bem perto dêste lugar, receando ataque dos Txukahamãe, quando os irmãos V. Boas estabeleceram contatos com êles, em 1948-9.

Por tudo o que foi dito, pode-se ver que, provavelmente, foi devido ao uso de armas de fogo que os Jurúna conseguiram manter-se como grupo tribal (cf. Simões, 1963b : 78). Se não tôsse isto é bem possível que não houvessem podido suportar os ataques sofridos. Munidos de carabinas êles puderam revidar às hostilidades de grupos tribais que até à época de Steinen lhes eram desconhecidos.

No período seguinte ao contato com Orlando e Cláudio Vilas Boas, os Jurúna entraram numa fase de relativa pacificidade com os grupos alto xinguanos e, após a vinda dos Kayabí para o rio Arraias, começaram a haver contatos entre estes dois grupos, tendo-se realizado casamentos entre os componentes dos mesmos. Com a atração dos Suyá e o deslocamento dos Trumái para o Pôsto Diauarum, novos casamentos intertribais entre Jurúna e elementos desses grupos, tiveram origem. Atualmente, porém, havendo os Jurúna, por suspeita de "feitiçaria", matado um índio Trumái (9) que era casado com duas mulheres Jurúna, estas, que segundo os informantes, moravam com aqueles índios temporariamente, voltaram para a sua aldeia. Também voltou para seu grupo, um homem Jurúna que se havia casado com uma mulher Trumái. Atualmente ele se acha ligado a uma jovem que é sua prima cruzada.

Os índios aqui focalizados, dão a impressão de estarem a querer reter seus elementos dentro do próprio grupo. Achariam-se eles, por ocasião da pesquisa em 1967, bastante tensos com relação aos Trumái. Receavam um revide por parte deles; receavam que os parentes daqueles a quem mataram praticassem também "feitiçaria" contra eles.

Esses remanescentes Jurúna, do Diauarum, refletem as relações inter e extra tribais sofridas através dos séculos. Todavia, apesar de que a sua cultura sofresse alterações no contato com elementos da sociedade nacional e de outros grupos tribais de tradição cultural diversa, ela, ainda, na atualidade, parece manter muitos de seus antigos padrões, de suas instituições e de suas crenças. O conjunto dos mesmos, a sua configuração estrutural-funcional, permite distingui-los como uma cultura peculiar e singular.

(9) — Além deste índio Trumái morto pelos Jurúna no primeiro semestre de 1967, foi, também, morto por índio Kayabí um outro Trumái, que residia na aldeia Suyá. As duas mortes foram perpetradas em datas muito aproximadas. Face a estes acontecimentos, os Trumái estavam em vias de mudar-se para um local próximo à aldeia Suyá no rio Suíá-missu.

Os escassos elementos sôbre a cultura Jurúna fornecidos principalmente por Adalbert, Steinen, Nimuendaju e Galvão, não diferem essencialmente do que se pôde obter agora, em 1966 e em 1967, o que é indicativo de que a pressão aculturativa não foi suficiente para ocasionar uma perda de autonomia cultural. As mudanças verificáveis são apenas em alguns traços culturais, excetuando-se, entretanto, o desaparecimento da *antropofagia* relatada na literatura (Daniel, 1841 : 172-3; Moraes, 1860 : 504; Steinen, 1942 : 310; Leite, 1943 : 353 e Nimuendaju, 1948 : 235), existente na tradição oral dos Jurúna atuais e tendo sua origem explicada em mito. Foi, provavelmente, a aquisição de valores novos que levou a êste desaparecimento. Também, havendo os Jurúna chegado a um estado de relativa pacificidade, perderam alguns de seus hábitos ligados à guerra e que eram os seguintes : — conservação dos crânios dos inimigos (Nimuendaju, 1948 : 236 e informantes Jurúna, atuais) — subtração de dentes para a confecção de colares e brincos, segundo o relato de um Jurúna. Sôbre o uso de dentes para adorno das orelhas há o testemunho de Adalbert (1849 : 252 e 278), em 1842 e a nota de Nimuendaju (1948 : 236). Contam, ainda, os informantes e Nimuendaju (1948 : 236) que os crânicos serviam de ressonadores para trombetas de taquara, em casos de festa ou de guerra. Faziam-se, também, flautas dos ossos dos inimigos mortos.

Com relação a outros aspectos, todavia, poucas são as mudanças observáveis, sendo que, muitas vêzes, o tradicional coexiste com o atual.

Ao chegar-se à aldeia de Bibina percebe-se que ao lado de duas casas e um rancho de farinha construídos em estilo caboclo, provavelmente copiados dos existentes no Pôsto Diauarum, há, também, uma casa cujo formato e construção assemelham-se à que foi descrita por Adalbert (1849 : 249-50) e Nimuendaju (1948 : 227). A casa possui uma forma oblonga, ou melhor, uma planta elíptica, com os lados menores arredondados e com teto de palha caindo até o chão, formando assim uma cobertura total sem distinção de paredes. Steinen (1942 : 301) também se refere a êste tipo de teto. Na que foi a aldeia de Daá, havia,

em 1966, duas casas e um rancho de farinha, sendo que nenhuma das construções era em estilo tradicional.

Pelo pátio, tanto agora como por ocasião da visita de Adalbert (1849:306-7) e de Steinen (1942:306) vêem-se cães. Também, já na época de Steinen (1942:310) os Jurúna criavam galinhas. Hoje em dia acrescentam a essas criações, a de suínos.

Dentro das casas tem-se uma visão semelhante à relatada por Adalbert (1849:249-51), Steinen (1942:283-312) e Nimuendaju (1948:227-8), que se referiram a jiraus onde guardavam, entre outras coisas, cestos, grandes quantidades de algodão, vasilhames, arcos, feixes de taquara para flechas, flechas, instrumentos musicais e estoques de alimentos. Entre os esteios das casas estavam amarradas rêdes tecidas pelas mulheres, com algodão nativo. Atualmente, além dessas rêdes, vêem-se, também, algumas executadas no estilo xinguno, ou seja, com a técnica de amarração, que as mulheres dizem haver aprendido com as Kamayurá e as Trumái. Vêem-se, ainda, rêdes doadas por elementos da sociedade nacional. Dizem os informantes, que num período mais antigo, êles faziam cobertas de algodão de forma semelhante às rêdes e que hoje foram substituídas pelos cobertores que recebem de presente. Adalbert (1849:245, 304) e Nimuendaju (1948:228) referiram-se ao banco feito de uma única peça de madeira, como elemento constitutivo do mobiliário Jurúna. Hoje em dia essa peça, assim talhada, ainda é encontrada, juntamente com outras que passaram a ser fabricadas com mais de um pedaço de madeira, sendo as partes unidas com pregos.

Steinen (1942:299, 305, 309, 320) quando de sua viagem, encontrou, entre os Jurúna, painéis de ferro, tacho azul de porcelana, uma bacia, uma mala de cobre, pólvora, um tambor de fôlha de lata, cachimbo, uma panela com desenho de uma cruz, machado, espingarda, facas e facões. A situação de então é semelhante à atual, pois, ao lado de seus objetos de cerâmica — de seus potes de barro — de suas esteiras trançadas de fôlha de inajá — de seus cestos feitos de fôlha de inajá, de talos de casca do imbé ou de talas de buriti — de suas peneiras redondas

ou quadradas — de suas cuias e cabaças — das conchas que apanham nos rios — de seus abanos triangulares — de seus tipitis (tubo de forma cilíndrica, relativamente longo e flexível, usado para espremer a massa de mandioca) — de seus cochos para a fermentação do caxiri — de seus fusos — de suas armas tradicionais, como o arco, a flecha, e a borduna — de seus pilões — de suas rêdes e de seus instrumentos musicais como as flautas, os maracás e as clarinetas, os Jurúna possuem outros que lhes foram doados por elementos da sociedade alienígena. São instrumentos que lhes vieram facilitar o trabalho agrícola e os trabalhos em madeira, principalmente a fabricação de canoas do tipo “ubá”. São vasilhames de metal que, agora, em grande parte são utilizados no preparo dos alimentos. São armas de fogo, anzóis de ferro e linhas de *nylon* para pesca. São tesouras com que cortam o cabelo e as roupas. São agulhas e outros utensílios que lhes vieram facilitar o trabalho cotidiano. E não são apenas os elementos provenientes dos “caraíbas” (10) que se vêem na aldeia Jurúna hoje em dia mas, também, produtos trocados com os Txukahamãe, Kayabí, Suyá, Kamayurá, Kalapálo e Waurá, embora sejam em pequena escala. Vêm-se, ainda, cestos de carregar mandioca no estilo xinguanos, feitos por um Jurúna que esteve prisioneiro nos Kamayurá. Ainda aí, aprendeu a fazer, também, o jiqui, sendo que, no momento da pesquisa, havia um exemplar deste elemento de pesca, na aldeia. Muitos, também, são os índios que sabem fabricar flechas tanto no estilo dos Kayabí quanto no dos xinguanos. Ouviu-se de uma mulher, que ela sabia fazer panela igual à dos Suyá, embora não se tivesse oportunidade de ver alguma.

A indumentária Jurúna, apesar de ser um elemento fortemente indicativo de mudanças ocorridas, não parece haver alterado o comportamento daqueles índios, com relação a padrões morais. Seriam não só um elemento de prestígio social como, também, um elemento protetor às picadas de insetos e aos raios solares.

(10) — Caraíba é o termo com que os índios designam os indivíduos reconhecidos como integrantes da sociedade nacional.

Adalbert (1849 : 244, 246, 253, 261, 271, 301, 302) em 1842, notou homens já usando calças, camisas, boné, ao lado de outros que andavam inteiramente nus. As mulheres foram relatadas como trajando saias, que por elas eram tecidas. Steinen (1942 : 278, 282, 299, 309, 310, 312), algum tempo depois, em 1884, pôde observar a mesma situação. Todavia, por essa época, as mulheres já estavam usando panos que não eram fabricados por elas. Coudreau (1897 : 86), por sua vez, encontrou êsses índios vestidos de farrapos. Por ocasião do contato com os Vilas Boas, em 1948-9, os homens Jurúna andavam nus, colocando, por vêzes, um cinto de algodão, tecido pelas mulheres (veja-se, também, Nimuendaju, 1948 : 228) e faziam uso do estôjo pe-niano, o que também foi observado por Steinen (1940 : 236-7 e 1942 : 314) enquanto as mulheres trajavam uma saia, cujo comprimento ia até abaixo dos joelhos e era aberta de um lado. Atualmente os homens vestem calças, calções, macacões e camisas (estas, nem sempre) enquanto que as mulheres usam tanto os vestidos como as saias tradicionais ou não, podendo deixar o peito nu. Crianças, em geral, ficam inteiramente sem roupas. Os panos, as agulhas e as linhas são artefatos bastante desejados por êles. Segundo um informante, antigamente, quando possuíam muitas miçangas, êles faziam um cinturão bem largo das mesmas, que era usado ao redor da cintura. Adalbert (1849 : 252), Steinen (1942 : 282, 314) e Nimuendaju (1948 : 229) fazem referência a êste adorno como sendo específico do sexo masculino, o que contraria a nossa informação de que êles eram usados tanto por homens quanto por mulheres, sendo que estas colocavam a saia por cima dos mesmos. Homens e mulheres, crianças e adultos, usavam e usam braçadeiras, jarreteiras e tornoeleiras de algodão ou de miçangas, o que foi relatado por Adalbert (1849 : 252-3), Steinen (1942 : 282) e Nimuendaju (1948 : 229). Os Jurúna fazem e faziam largo uso de colares de contas, fato também observado pelos autores acima citados, sendo que as mulheres podem usá-los compridos ou curtos, ao redor do pescoço, enquanto que os homens só os usam nesta última modalidade.

Ambos os sexos usavam os cabelos longos, repartidos ao meio e tendo na testa, junto à raiz do cabelo, um pequeno círculo vermelho feito com o arilo da sororoca (*Ravenala guianensis*) (Steinen, 1942 : 314; Nimuendaju, 1948 : 228-9 e Galvão 1952 : 474). Esses cabelos podiam ser usados soltos, trançados ou simplesmente amarrados. Atualmente, enquanto as mulheres ainda têm os cabelos compridos, poucos são os homens que os deixam assim; há apenas 3 adultos e 1 menino. Todo o resto o está cortando à moda xinguana ou dos "caraíbas", na altura das orelhas. Steinen (1942 : 314) viu um homem Jurúna, tendo uma trança onde se dependurava uma comprida borla de miçangas azuis e brancas. Dizem os informantes que não só os homens mas também as mulheres podiam usar tal enfeite no cabelo. Atualmente ainda há quem o use, em festas.

Antigamente os Jurúna faziam uma tatuagem no meio da face, descendo uma linha preta da testa até o queixo e circundando a boca, o que lhes deu o nome de "bôca preta" que é uma designação tupi-guarani (Nimuendaju, 1948 : 218). Betendorf (1910 : 116), Daniel (1841 : 172-3), Southey (1817 : 510), Adalbert (1849 : 253), Moraes (1860 : 504-5), Nimuendaju (1948 : 229) e Galvão (1952 : 474) fizeram referência a este traço cultural, sendo que em 1842, Adalbert ainda pôde ver um homem Jurúna tatuado, numa das aldeias por ele visitadas. Agora, como há tempos atrás, os Jurúna pintam o rosto, os braços, o peito, as coxas e as pernas, com tinta preta de jenipapo (veja-se, também, Adalbert, 1849 : 244, 253, 274, 275, 301; Steinen, 1942 : 281, 282, 301, 306, 313, 314). Às vezes, também, passam urucu, preferentemente no rosto.

Nas festas ou quando bebem muito caxiri, os Jurúna se adornam com enfeites de penas: diademas de penas de papagaio, cu destas com penas de arara vermelha e rei congo, cobertas na frente com penas pretas, bem pequenas, de mutum — brincos de penas de arara vermelha, os quais foram observados, também, por Adalbert (1849 : 252 e 278) e Steinen (1942 : 283, 314). Atualmente, além dos diademas citados, eles usam um outro tipo feito só de penas pequenas de arara ver-

melha e que costumam obter com os Txukahamãe. Dizem os informantes, que os Jurúna também sabem fazê-lo e que há muitos anos o fazem. Enfeitam-se, ainda, com brincos de penas de várias aves. Por vêzes, quando têm penas de pato, brancas, costumam enfeitar os cabelos com elas.

As sobrancelhas e os cílios são depilados, hoje em dia, como em tempos passados (Steinen, 1942 : 281).

Como meio de transporte, os Jurúna continuam a utilizar-se de suas ubás, sôbre as quais se tem notícias desde o século passado (Adalbert, 1849 : 262-3, 306; Brusque, 1863 : 16; Steinen, 1942 : 284; Coudreau, 1897 : 63; Murphy & Quain, 1955 : 34; Nimuendaju, 1948 : 230; Lima, 1950 : 369, nota 2, e Galvão, 1952 : 474). Todavia, há referências a barcos Jurúna, sem especificação de tipo, desde o ano de 1686 (Southey, 1819 : 7). A presença de canoas, entre êstes índios é, também, contada na tradição mítica dos mesmos. O uso dessas ubás já começou a ser difundido por tôda a área do alto Xingu e o que se pode observar é que a canoa de casca está caindo em desuso, face à maior resistência e, portanto, maior duração das primeiras.

Os remos, assim como as canoas, têm explicações mitológicas para a sua origem e que ainda são lembradas pelos atuais Jurúna. Referências aos mesmos, porém, só são encontradas a partir de Adalbert (1849 : 257, 263, 285). Ainda hoje eles possuem uma forma de muleta chanfrada, conforme disse Steinen (1942 : 284) e sua pá é alongada, o que é sugerido também pelo citado autor, através da medida que deu. Há, ainda, alguns que possuem desenhos, mórmente os infantís.

Quanto às atividades de subsistência, elas tiveram suas técnicas um pouco modificadas em função da introdução de machados de ferro, ancinhos, foices, facões, enxadas, anzóis, fios de *nylon* e espingardas. Todavia, não houve qualquer mudança de orientação da economia. Elas se destinavam a uma produção de consumo e essa atitude ainda persiste nos dias atuais. A mandioca ainda continua sendo o elemento principal da alimentação Jurúna. E, como antes, a farinha (Adalbert, 1849 : 318-9; Steinen, 1942 : 285, 306-7; Nimuendaju, 1948 : 226) é o produto

mais comum da mesma, seguido pelo caxiri que é largamente ingerido tanto nas festas quanto fora delas (Steinen, 1942 : 285, 308, 314, 316; Nimuendaju, 1948 : 236) e pelo beiju. Enquanto que para a abertura de clareiras onde se efetuará o plantio, através da derrubada e queima da mata, houve uma substituição total do instrumental tradicional pelos dados pelos "caraíbas", o mesmo não ocorreu com os empregados na pesca e na caça. Atualmente, nestas duas atividades, há a coexistência do antigo e do novo. Os homens Jurúna ainda caçam e pescam muito com o arco e a flecha. Estes, entretanto, já sofreram também a influência de fora. Na sua confecção já são empregados os facões; as linhas com que prendem as penas das flechas quase sempre são obtidas de "caraíbas" ou fornecidas pelo Pôsto; essas mesmas linhas muitas vezes são tingidas com as tintas "Guarani"; os côcos de tucum para as pontas de flechas usadas para pássaros são perfuradas com pontas de facas bem finas ou de canivetes e as pontas de flechas para pescar estão sendo feitas com pregos devidamente limados.

Apesar de não se possuir quase nenhuma notícia elucidativa do passado político-social dos Jurúna, é bem provável que a sua estrutura tenha sofrido alterações decorrentes dos sucessivos contatos com os missionários, governo imperial, seringalistas e agora membros do Parque Nacional do Xingu. Sabe-se, todavia, que hoje em dia não existem mais as provas de habilidade e coragem requeridas a um homem quando este desejava casar-se (Adalbert, 1849 : 252-3). Também, agora, quando um homem deseja unir-se a uma mulher, pede-a não só ao pai, quanto à mãe e parentes mais chegados da mesma, o que não ocorria no passado, quando a mulher não possuía nenhuma voz ativa na questão (Ibid.). Tanto Adalbert (Ibid. : 317) quanto Steinen (1942 : 282), Nimuendaju (1948 : 234) e Galvão (1952 : 475) falam em poliginia, que ainda é admitida. Registramos um único caso. Dois homens, num passado recente, foram polígamos. Nimuendaju (1948 : 233) e Galvão (1952 : 475) afirmam que a chefia era transmitida de pai a filho, o que também foi dito pelos atuais informantes. Na falta de um filho ela era

legada a um cunhado, irmão da mulher. Adalbert (1849 : 258-9) ainda, registrou que havia, no seu tempo, um indivíduo que não somente era o chefe das 6 ou 8 famílias residentes em Tavaquara mas de todos os Jurúna, poder este obtido através do Governo Imperial. Atualmente, estando estes índios reduzidos a duas aldeias, com vias a uma só e constituindo eles um grupo local estreitamente aparentado, cujas relações intratribais intensificaram a coesão grupal, isto é difícil de ser verificado. Todavia, ao invés da patrilocidade sugerida por Galvão (1952 : 475) o que se pôde notar foi uma tendência matrilocal bastante acentuada, sendo o nascimento de uma mulher bastante desejado pelo grupo, visto que, ao casar-se, ela atrairá o homem para a sua aldeia, o qual, durante um certo tempo, prestará serviços ao sôgro.

Os mortos ainda continuam a ser enterrados dentro das casas sendo os corpos enrolados em rêdes, conforme o que foi dito por Adalbert (1849 : 254 e 260), Steinen (1942 : 314) e Nimuendaju (1948 : 243). Estes mesmos autores dizem que mais tarde os ossos eram removidos e guardados em cestos, ficando suspensos sob o teto da casa. Steinen, todavia, disse não ter tido oportunidade de ver tal fato e Nimuendaju afirmou não saber "o que, por fim, era feito com eles". A pesquisadora, também, nada pôde observar a esse respeito.

Os Jurúna, segundo Nimuendaju (1948 : 242) crêm na mesma entidade que os Xipáya (11) denominavam "Kumāpari". Entretanto, de acordo com os atuais informantes, eles chamam essa divindade de Kumāhári e de Cinaã, o primeiro nome no sentido de ser um pajé muito grande e o segundo por ser, como dizem o "nosso pai". Estas duas denominações são dadas a várias entidades cuja ordem de descendência é a seguinte : — uma onça preta muito grande, chamada Duká, teve um filho que

(11) — Os Xipáya constituem um grupo tribal com o qual os Jurúna tiveram muito contato e que segundo as palavras de um informante : "Xipáya é índio igual Jurúna". Esta, aliás, é a maneira de ver de Brusque (1863 : 17), de Nimuendaju (1948 : 219), de Galvão (1952 : 473) e de Snethlage (1910 : 60-1). Coudreau (1897 : 34) por sua vez, afirma que os Jurúna e os Xipáya pertencem à mesma família lingüística.

era gente, chamado Araia. Este, por sua vez, teve três filhos não gêmeos, conhecidos por Kubatá, Kunharyma e Rubiatá. Os Jurúna não gostam de falar o nome destas divindades, porque segundo eles, o pronunciamento dos mesmos traz consigo uma série de desgraças. Essa é a razão pela qual tôdas elas são chamadas de Kumâhâri e de Cinaã, este último preferentemente.

As informações sobre a religião Jurúna são praticamente inexistentes. Mesmo a fornecida por Nimuendaju é bastante escassa. Desta forma não é possível avaliar-se as mudanças que provavelmente se tenham dado. Dizem os índios, todavia que Jurúna sempre acreditou na história relatada acima e que eles não a podem ficar contando para "caraíba", porque "caraíba" não é índio, não entende. E contá-las pode trazer desgraças.

Segundo Nimuendaju (1948 : 242) uma das cerimônias apreciadas por von den Steinen (1942 : 316) é igual à uma festa Xipáya, para os mortos (i-ánâi kariá), festa que atualmente ainda persiste praticamente nos mesmos termos descritos por estes dois autores.

Ainda hoje, também, eles crêm que as grandes rochas sejam as moradias dos espíritos (Nimuendaju, 1948 : 242; Galvão 1952 : 475).

Adalbert (1849 : 304-5) conta que os Jurúna "acreditavam em uma divindade da qual provinham todos os bens, apontando ao mesmo tempo para a lua, e num ser de onde vinham todos os males". Disse, ainda, que a lua era venerada pelos Jurúna, sendo a época de lua cheia, a ocasião de sua principal festa, para a qual se preparava o caxiri. Todavia, durante as pesquisas realizadas em 1966 e 1967 com estes índios, não se conseguiu nenhuma informação que corroborasse as acima expostas. Os Jurúna dizem que nunca reverenciaram a lua, nem acreditam que ela seja a fonte de bens. Para eles, tudo vem de Cinaã. Além do mais, pelo que se pode saber, eles não prestam qualquer espécie de culto (Galvão, 1952 : 475). Observou-se, ainda, que o caxiri era um elemento constante no cotidiano Jurúna e não

era preparado especialmente para nenhuma festa. Ele sempre está presente em qualquer festa, ou mesmo sem que elas ocorram. Os Jurúna ingerem caxiri porque gostam muito dessa bebida.

Os Jurúna continuam a crer na existência de sobrenaturais que habitam os rios e as matas (Galvão, 1952 : 475) e a mitologia dos mesmos, apesar de muito reduzida nos dias atuais, expressa um forte etnocentrismo e fornece alguns elementos explicativos de origem e transformação das coisas e dos homens. Não há, na literatura existente, elementos para uma comprovação no passado.

Quanto ao xamanismo, agora, como há tempos atrás, as curas são realizadas por massagens e por sôpro, sendo as influências maléficas transferidas para os galhos verdes que são friccionados nas partes doentes (Adalbert, 1849 : 256; Steinen, 1942 : 307-8; Nimuendaju, 1948 : 243 e Galvão, 1952 : 475).

A existência de uma situação de contato inter e extratribal não foi suficiente para provocar alterações profundas nas instituições básicas da cultura Jurúna. Estas resistiram às pressões alienígenas e ainda se conservam operativas. A maneira de pensar, sentir e agir dos Jurúna ainda os distingue como um grupo singular e único. Ao lado das alterações sofridas em determinados traços culturais, conservaram-se complexos que resistiram ao processo de descaracterização grupal e que ainda são capazes de manter a tradição tribal.

Essa relativa estabilidade torna-se mais patente na esfera ideológica, onde os poucos mitos colhidos revelam um etnocentrismo que não permitiu fazê-los desejar abandonar suas instituições, crenças e padrões, por um modo de vida diferente. Poderá ser explicada, também, em função do fato de que as frentes da sociedade brasileira, de pequena densidade demográfica, com as quais os Jurúna entraram em contato, não foram suficientes para fazê-los perder a autonomia cultural e após as suas fugas tanto dos missionários quanto dos seringueiros, eles puderam, apesar de tôdas as compulsões já sofridas,

tentar uma reconstrução da vida tribal em bases tradicionais. Isso, de certo modo, lhes teria sido facilitado pela atuação indigenista do P.N.X..

SUMMARY

This paper includes a preliminary information about the Jurúna, a tribal group located on the north of the area of the Xingu National Park, near the Diauarum Post, at the Xingu river.

The Jurúna tribe, which nowadays has a village population of 58 persons is apparently under a process of growth due to the conditions maintained by the Administration of the Park. A brief analysis of these conditions, an enumeration of the extra and inter-tribal contacts, suffered since the XVII century, chiefly in the period that goes from 1900 to the contact with Vilas Boas brothers in 1948-1949, and a summary of the main aspects of the Jurúna culture, compose the purpose of this paper. It was also given special attention to the cultural changes occurred from the visit of Adalbert, in 1842, to the present time.

The Jurúna culture reflects the influence of the contacts maintained with other tribal groups and with the outside world. Despite the alterations caused by these contacts, the Jurúna culture, nowadays, still seems to keep many of their traditional patterns, institutions and beliefs.

The overall structural-functional configuration distinguishes the Jurúna as a peculiar and a singular culture.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ADALBERT, Príncipe da Prússia

1849 — *Travels in the South of Europe and in Brazil: with a voyage up the Amazon, and its tributary the Xingu, now first explored.*

Transl. R. H. Schomburgh and J. E. Tylor. London, D. Bogue. v. 2.

BETENDORF, J. FELIPE, s.j.

- 1910 — Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Rio de Janeiro, 72, parte 1, 697 p.

BRUSQUE, FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO

- 1863 — Relatorio apresentado à Assembleia Legislativa da Provincia do Pará... pelo Presidente da Provincia em 1.º de novembro de 1863, Pará, F. C. Rhossard. 115 p.

CHATEAUBRIAND, F.

- 1954 — A Pacificação dos Jurúna. *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26, (26). 54-5, 68, 80, 82, 58.

COUDREAU, HENRI

- 1897 — *Voyage au Xingu* — 30 mai 1896 — 26 octobre. Paris, A. Lahure, 230 p.

DANIEL, JOÃO

- 1841 — Parte segunda do Thesouro descoberto no rio Amazonas : Notícia geral dos índios, seus naturaes, e de algumas nações em particular... *Rev. Trimensal de Hist. e Geogr.*, Rio de Janeiro, 3 : 39-52, 158-83, 282-97, 422-41.

GALVÃO, EDUARDO

- 1952 — Breve notícia sobre os índios Jurúna. *Rev. Museu Paulista*, São Paulo, n. ser. 6 : 469-77.
- 1953 — Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto rio Xingu. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, n. ser., Antropologia, 14, 56 p.
- 1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil : 1900-1959. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser. Antropologia 8, 41 p.

GALVÃO, EDUARDO & SIMÕES, MÁRIO F.

- 1966 — Mudança e Sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central. *Rev. de Antropologia*, São Paulo, 14 : 37-52.

LEITE, SERAFIM, s.j.

- 1943 — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nac. Livro; Lisboa, Liv. Portugalia, t. 3.

LIMA, PEDRO E.

- 1949 — "Notas antropológicas sobre os índios do Xingu". In : RIO DE JANEIRO. MUSEU NACIONAL. *Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu*. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, p. 21-9 (Publ. Avulsas, 5).
- 1950 — A canoa de casca de jatobá entre os índios do Xingu. *Rev. Museu Paulista*, S. Paulo, n. ser. 4 : 369-80.

MORAES, JOSÉ DE, s.j.

- 1860 — "História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará". In: ALMEIDA, CANDIDO MENDES, DE. *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio. Typ. Commercio. T 1.

MURPHY, R. & QUAIN, B.

- 1955 — *The Trumai Indians of Central Brazil*. N.Y., Augustin Publ. 120 p. (Monographs of the Amer. Ethnol. Soc., 24).

NIMUENDAJU, CURT

- 1948 — "Tribes of the lower and middle Xingu river". In: *Handbook of South American Indians*. v. 3 *Bull. Bureau of American Ethnology*, Washington, 143 : 213-43.
- 1952 — Os Górotire. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, em 18 de abril de 1940. *Rev. Mus. Paulista*, S. Paulo, n. ser. 6 : 427-53.

RIBEIRO, DARCY

- 1957 — Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Rev. Educ. e Ci. Soc.*, Rio de Janeiro, 2 (6) : 5-102.

SIMÕES, MÁRIO F.

- 1963a — "Relatório de excursão ao Alto Xingu, de 22 de junho a 21 de setembro de 1963, apresentado ao Museu Paraense Emílio Goeldi". [ms].
- 1963b — Os Txikão e outras tribos marginais do Alto Xingu. *Rev. Museu Paulista*, São Paulo, n. ser. 14 : 76-104.

SNETHLAGE, E.

- 1910 — A travessia entre o Xingu e o Tapajoz. *Bol. Mus. Goeldi*, Belém, 7 : 49-92.

SOUTHEY, ROBERT

- 1817/9 — *History of Brazil*. London, Longman, v. 2, chap. 27 p. 501-48; v. 3, chap. 31 p. 1-39.

STEINEN, K. von den

- 1940 — *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Trad. Egon Schaden. São Paulo, Dep. Cultura. [Separata renumerada da Rev. Arquivo S. Paulo, 34-8].
- 1942 — *O Brasil Central: expedição em 1884 para exploração do rio Xingu*. Trad. Catarina B. Cannabrava. S. Paulo, Ed. Nacional. 420 p. (Bibl. Pedagógica Brasileira, ser. 5, Brasileira Grande formato, 3).

ENTREGUE PARA PUBLICAÇÃO EM 26/1/68

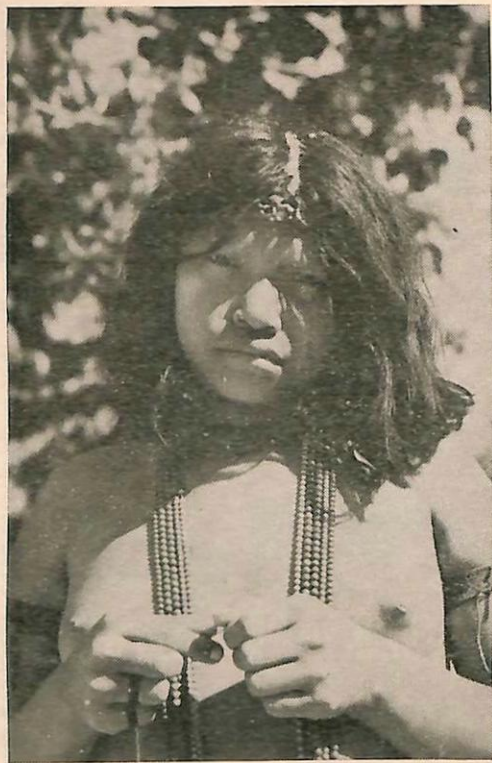


Homem Jurúna

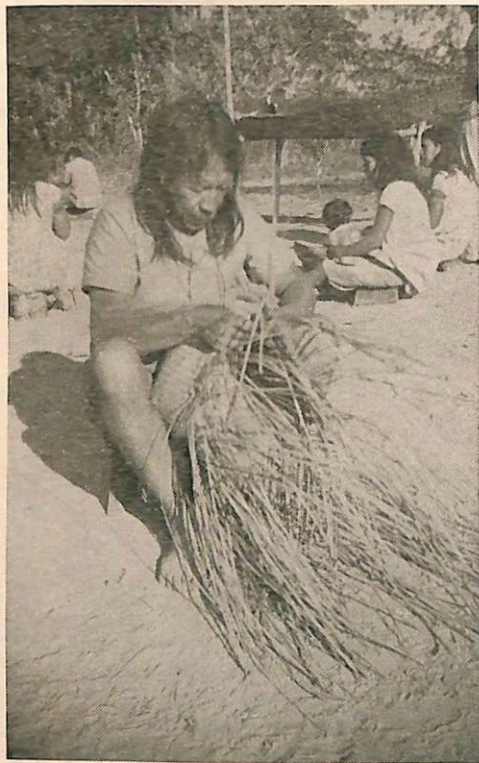


Menino Jurúna

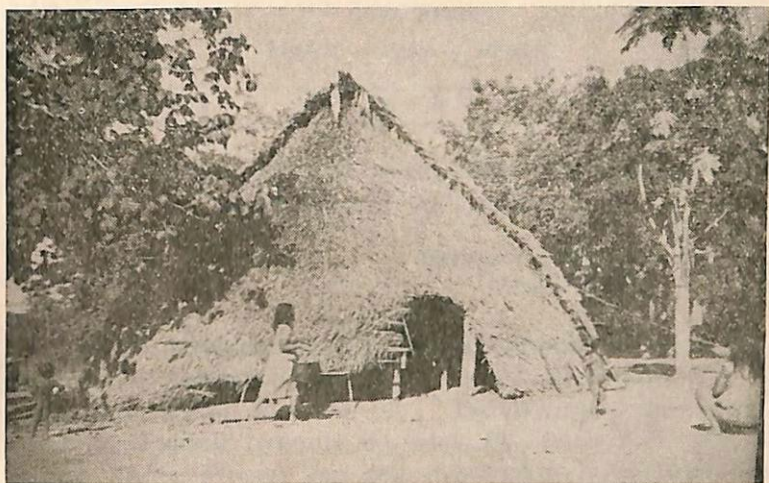
(FOTOS E. GALVÃO)



Mulher Jurúna
(FOTQ E. GALVÃO)



"Capitão Bibina" trançando um cesto de buriti
(FOTQ A. E. OLIVEIRA)



Casa Jurúna (vista lateral)



Transporte de mandioca realizado por ambos os sexos
(FOTOS A. E. OLIVEIRA)